

China: terceiro mandato de Xi – primeira parte: crescimento, investimento e consumo

Michael Roberts¹

Oct 16/22

O Congresso do Partido Comunista da China acontece esta semana. Este é um evento importante não só para a China, mas globalmente. A mídia ocidental se concentrou no fato de que o atual líder do partido, Xi Jinping, será confirmado para um terceiro mandato sem precedentes como líder do partido e, portanto, também continuará como presidente da China quando o Congresso Nacional se reunir em março próximo.

Naturalmente, os especialistas ocidentais se opõem fortemente a que Xi tenha um terceiro mandato. O guru keynesiano do Financial Times, Martin Wolf, considerou que a continuação de Xi no poder seria 'perigosa' para a China e o mundo. *“ É perigoso para os dois. Seria perigoso mesmo que ele tivesse provado ser um governante de competência incomparável. Mas ele não o fez. Do jeito que está, os riscos são de ossificação em casa e aumento de atrito no exterior... Dez anos é sempre suficiente.. É simplesmente realista esperar que os próximos 10 anos de Xi sejam piores que os anteriores .”* E, aparentemente, isso já foi ruim o suficiente.

O antagonismo com Xi e a liderança atual tem menos a ver com a falta de democracia e regime de partido único na China – os especialistas ocidentais e as agências internacionais raramente mencionavam isso em suas análises anteriores da China antes de Xi assumir o poder. O forte antagonismo agora tem realmente a ver com duas coisas: 1) sob Xi, a política econômica da China enfatizou o controle estatal e a redução da influência do setor capitalista; e 2) sob Xi, a China está resistindo a ser contida e espremida pelo imperialismo dos EUA em sua tentativa crescente de impedir o progresso da China como um grande rival no comércio, tecnologia e influência global.

¹ Texto traduzido pelo Google Tradutor

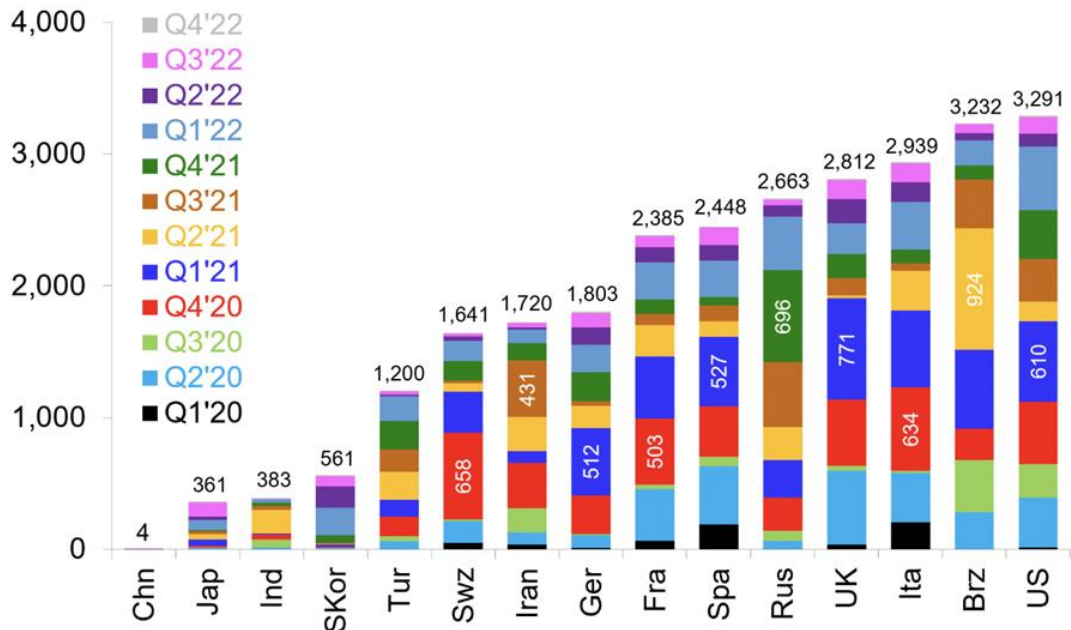
Quando se trata do estado atual da economia da China e suas perspectivas futuras, os analistas ocidentais (e especialmente aqueles baseados nas proximidades de Hong Kong, Taiwan etc.) queda da propriedade à estagnação de longo prazo devido à demografia, à falta de demanda do consumidor e à desaceleração do crescimento da produtividade, induzida pelo viés de Xi em relação ao estado sobre o mercado.

Durante décadas, os analistas ocidentais previram o fim e o colapso da China sob o peso do aumento da dívida e do controle estatal. Isso não se concretizou. Agora, a ênfase principal está em argumentar que a China não pode mais expandir sua produção nacional em um ritmo razoável e não será capaz de sair da chamada "armadilha da renda média" e assim atender às necessidades de uma população urbanizada - a menos que rompa com sua economia dirigida pelo Estado e permite que o setor capitalista floresça para atender às demandas de consumo da florescente classe média.

Mas essa visão do futuro econômico da China é mais precisa do que aquela adotada nas duas últimas décadas em que a China estava prestes a implodir? Primeiro, qual é o estado atual da economia? Pela primeira vez desde a década de 1990, o crescimento real do PIB da China neste ano e no próximo provavelmente será menor do que o crescimento médio na região do Leste Asiático. Este ano, o crescimento econômico provavelmente ficará abaixo de 3% e no próximo ano subirá para cerca de 4,5%. Isso está bem abaixo da meta de longo prazo de cerca de 5% ao ano.

Por que é isso? Existem duas razões. O primeiro é o impacto do COVID e da política zero COVID da China. O Ocidente nunca teve essa política e acabou contando apenas com as vacinas para superar o pior do impacto do COVID nas vidas e na saúde. Mas o vírus, em várias formas, continua a se espalhar pelas economias, causando ainda mais mortes e, acima de tudo, doenças prolongadas de 'COVID' que impediram milhões de trabalhar. A China rejeitou essa abordagem de "abrir a economia". Em vez disso, impôs bloqueios rígidos e drásticos ao primeiro sinal de aumento de infecções e ainda está fazendo isso. O governo não estava preparado para repetir o desastre da primeira erupção em Wuhan. Como resultado, a China teve a menor taxa de mortalidade por COVID no mundo.

Covid-19 fatalities (per mn of population)

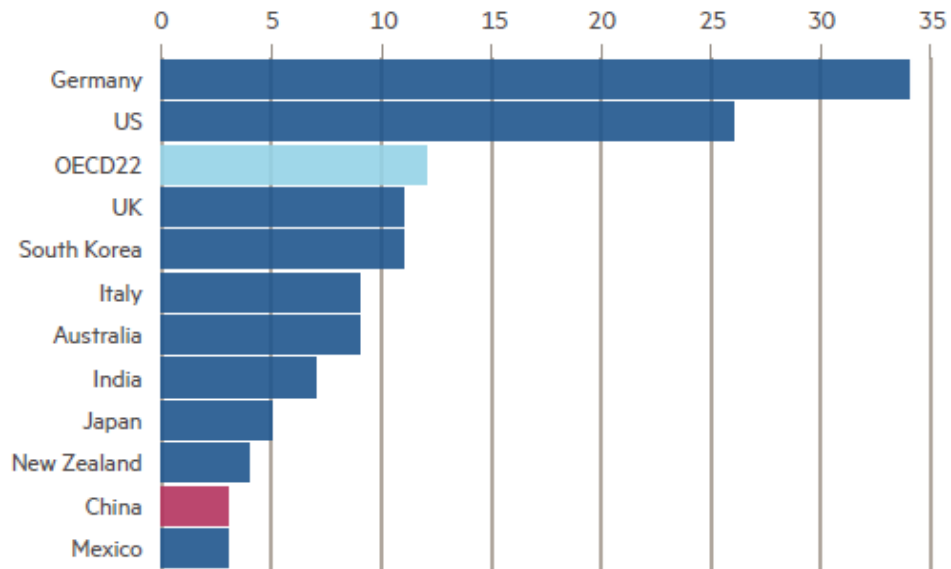


O Centro Chinês de Controle e Prevenção de Doenças alertou que, se o país seguisse as estratégias de abertura adotadas por países como Reino Unido e Estados Unidos, causaria centenas de milhares de casos por dia, dos quais mais de 10.000 apresentariam sintomas graves se houvesse um surto considerável na comunidade. *“Não estamos prontos para adotar estratégias de 'abertura' baseadas apenas na hipótese de imunidade coletiva induzida pela vacinação defendida por certos países ocidentais”*, escreveu o Centro.

Um dos principais motivos pelos quais a China adotou bloqueios e vacinas para conter o COVID foi seu serviço de saúde pública relativamente fraco e a falta das vacinas de MRNA mais recentes e eficazes. A China tem uma rede irregular de hospitais com poucos recursos e uma enorme população idosa com maior risco de doenças graves, bem como eficácia comparativamente baixa de suas vacinas produzidas internamente. Embora haja mais leitos hospitalares per capita na China do que nos EUA e no Reino Unido, o número de leitos de terapia intensiva disponíveis – crucial para manter os pacientes infectados com Covid-19 vivos – é um quarto da média da OCDE. Os recursos são especialmente escassos fora das grandes cidades; as áreas rurais têm metade dos médicos e leitos per capita das áreas urbanas.

China's hospitals would struggle to cope with a high number of Covid infections

Capacity of intensive care beds (per 100,000, selected countries, 2020 or latest)



FINANCIAL TIMES

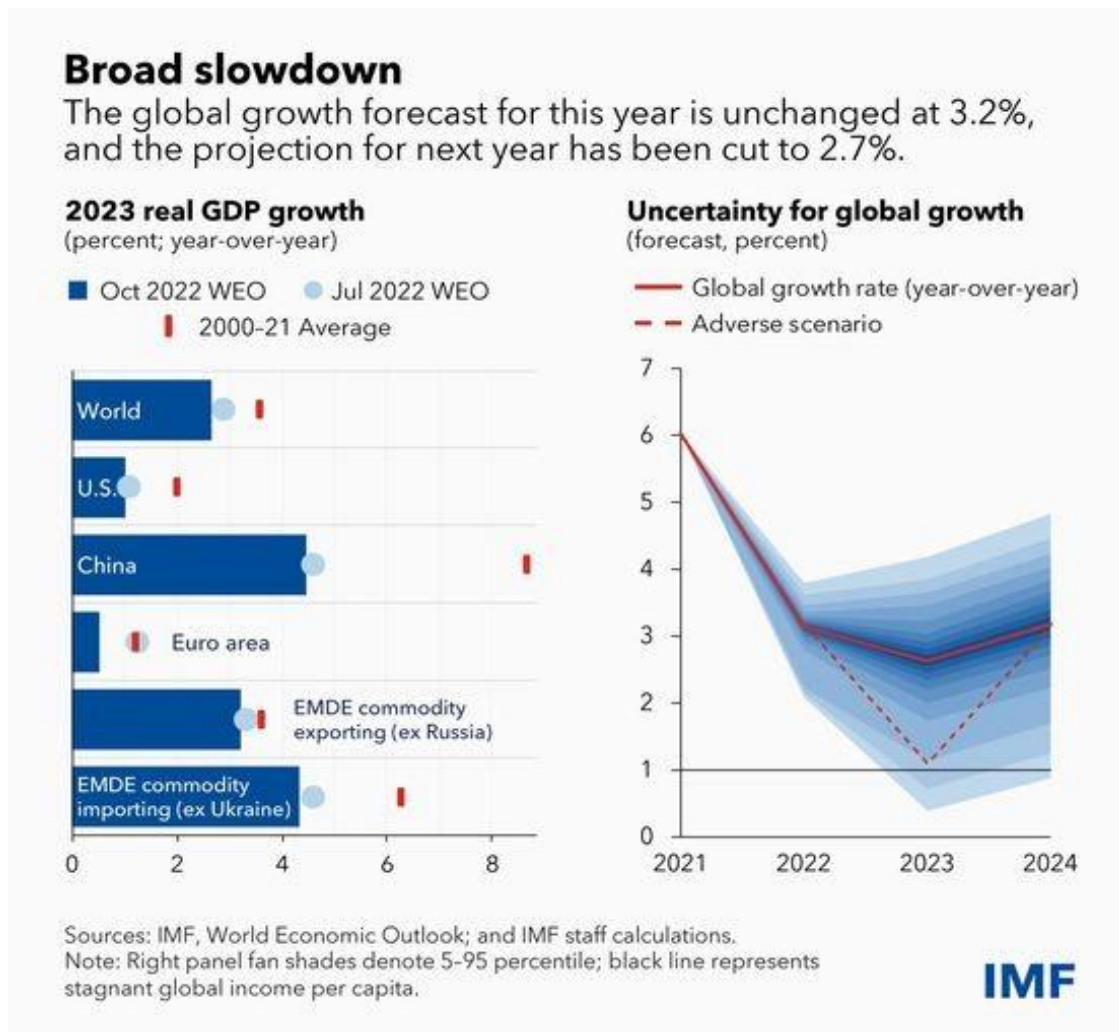
Source: [Jefferies](#)

A China lançou a primeira onda de vacinações a uma velocidade vertiginosa, em seu pico esfaqueando mais de 22 milhões de pessoas por dia. Internamente, 3 bilhões de doses de vacinas foram administradas a 1,4 bilhão de pessoas no país. A China enviou cerca de 1,6 bilhão de doses de vacinas para países em desenvolvimento, tornando-se o maior exportador mundial de vacinas. As autoridades de saúde e especialistas chineses acreditam que preveniram pelo menos 200 milhões de infecções e 3 milhões de mortes.

No entanto, há sinais de que as vacinas domésticas, que usam vacinas inativadas tradicionais – nas quais o patógeno é morto ou modificado para não se replicar – produzem respostas imunes mais fracas ao vírus Covid-19 do que o RNA mensageiro mais recente usado na Moderna e na BioNTech/Pfizer. jabs e a tecnologia de vetor viral na Johnson & Johnson e na AstraZeneca. Nos últimos 12 meses, a disseminação das variantes altamente infecciosas Delta e Omicron destacou a eficácia cada vez menor dessas vacinas. Os bloqueios continuaram intermitentes ao longo deste ano e isso tornou a recuperação econômica mais intermitente e mais fraca como resultado.

Mas a China optou por salvar vidas em detrimento da expansão econômica. Claro, analistas ocidentais afirmam que a política de bloqueio 'zero COVID' da China tem mais a ver com o controle da população por um regime autocrático - ainda assim, a maioria das pesquisas de opinião no passado mostrou amplo apoio à política entre a população, embora seja verdade que a 'fadiga do confinamento' começa a ter impacto, principalmente porque não há uma tomada de decisão democrática na política de saúde, que é apenas imposta de cima.

A outra razão pela qual o crescimento econômico da China caiu este ano é a desaceleração geral em direção a uma queda no resto do mundo. As principais economias capitalistas estão presas no congestionamento da cadeia de suprimentos, na fraca expansão do investimento e agora nas crescentes taxas de juros e inflação que ameaçam uma recessão global absoluta.



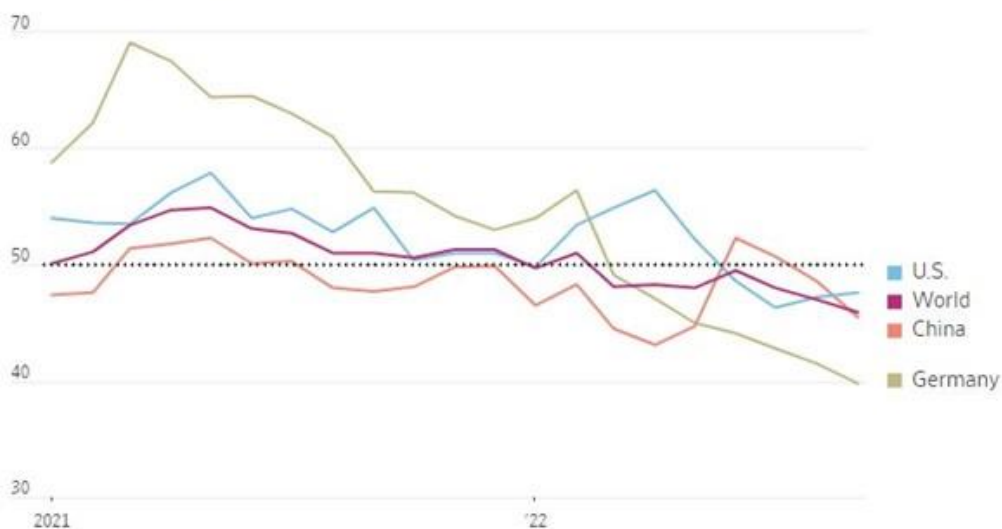
O crescimento do comércio mundial diminuiu. A Organização Mundial do Comércio avalia que as exportações e importações totais de bens devem crescer

apenas 1% em 2023. As projeções mais recentes do Banco Mundial colocam o crescimento do PIB da China para o ano em 2,8%, abaixo da previsão inicial de 5% e bem abaixo do resto da Ásia.

Cooling Exports

Factories around the world are reporting a decline in new orders from overseas buyers.

New export orders index



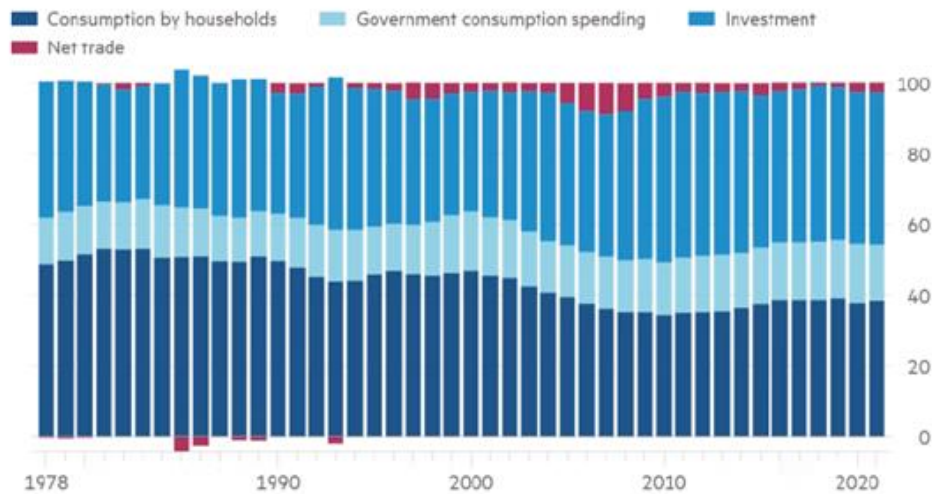
Note: Readings above 50 indicate an increase in activity, and below that threshold, a decline.
Sources: S&P Global

Mas a China não está entrando em uma crise como as economias do G7. De fato, tanto o Banco Mundial quanto o FMI esperam que o PIB real da China suba mais de 4% no próximo ano, enquanto a maioria das economias do G7 estará se contraindo ou terá um crescimento próximo de zero.

Olhando a longo prazo, os analistas ocidentais avaliam que a China está caminhando para um crescimento muito mais lento e isso ameaçará o futuro de Xi. Até agora, o recorde de crescimento econômico sem precedentes da China tem sido baseado em altas taxas de investimento e exportações de produtos manufaturados para o resto do mundo.

Investment remains a huge share of China's GDP

Share of spending in China's GDP (%)



Source: Haver Analytics
© FT

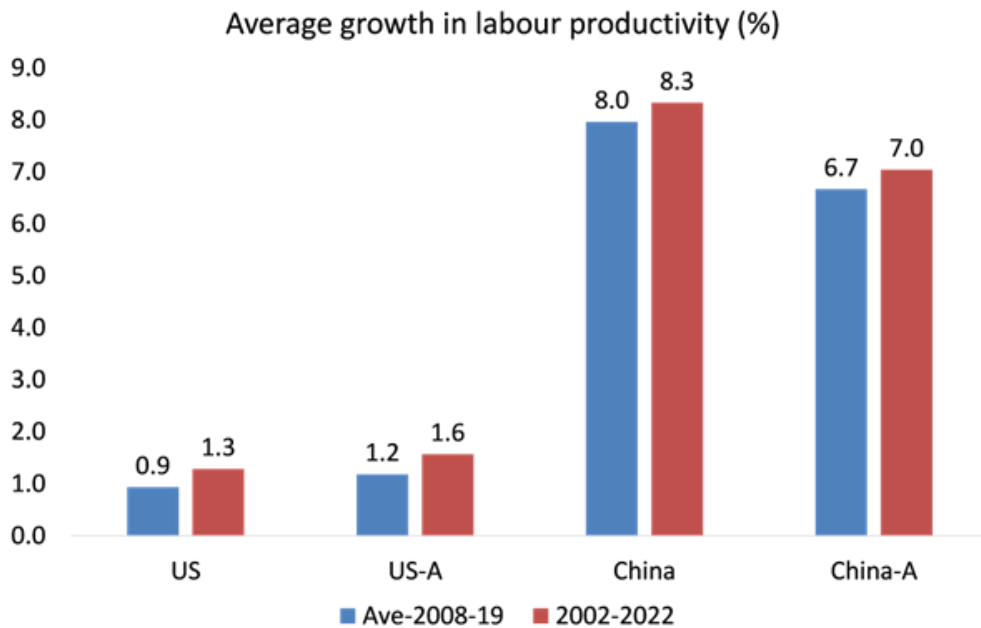
Mas a crise do COVID e a dissipação da recuperação econômica global afetaram fortemente o crescimento das exportações. As exportações caíram em termos de dólares em 1% no ano da crise do COVID e depois aumentaram acentuadamente no ano de recuperação global de 2021 em 21%. Mas nos primeiros oito meses deste ano (2022) as exportações caíram para 7,1% no comparativo anual. Com isso, a produção industrial aumentou apenas 3,6% e as vendas no varejo, apenas 0,5%. O investimento em activos fixos manteve-se mais forte em cerca de 6% face ao mesmo período do ano anterior, com base no aumento do investimento em infra-estruturas (estradas, caminhos-de-ferro, pontes e serviços públicos).

A partir de agora, os analistas ocidentais afirmam que a China entrará em um período de baixo crescimento e não escapará da 'armadilha da renda média' em que tantas economias ditas emergentes estão presas. A China não alcançará nem o nível do PIB dos EUA, como se esperava anteriormente.

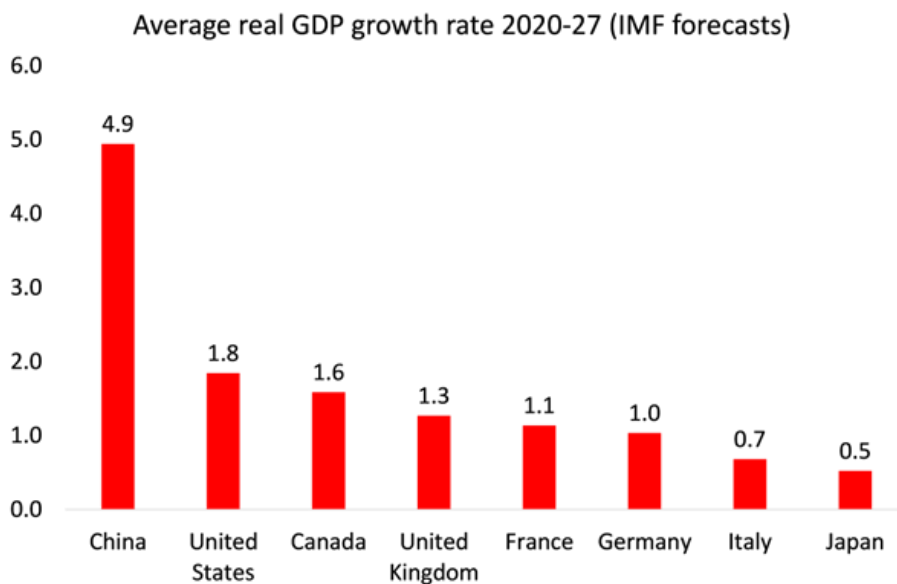
Esta afirmação é baseada em duas suposições. Primeiro, o envelhecimento da população da China e o declínio do setor em idade ativa reduzirão as taxas de crescimento e, segundo, o modelo de alta poupança e alto investimento do crescimento chinês não funciona mais.



A China não poderá crescer tão rápido quanto antes, pois a população trabalhadora está diminuindo e haverá um aumento insuficiente na produtividade do trabalho para compensar. [Discuti longamente em postagens anteriores](#) essas alegações de especialistas ocidentais de que [a queda da população em idade produtiva da China](#) e sua taxa de crescimento de produtividade em desaceleração significam que ela começará a falhar. Os argumentos são fracos e falhos. De fato, mesmo nas medidas ocidentais ajustadas (A) de crescimento da produtividade do trabalho durante o período COVID, a China se saiu muito melhor do que os EUA 'dinâmicos'.



A longo prazo, o FMI prevê que a China crescerá a uma taxa moderada de 5% ao ano. Mas essa taxa ainda seria duas vezes mais rápida que a dos EUA e mais de quatro vezes mais rápida que o resto do G7 – e isso assumindo que não haverá queda nas economias do G7 nos próximos cinco anos.



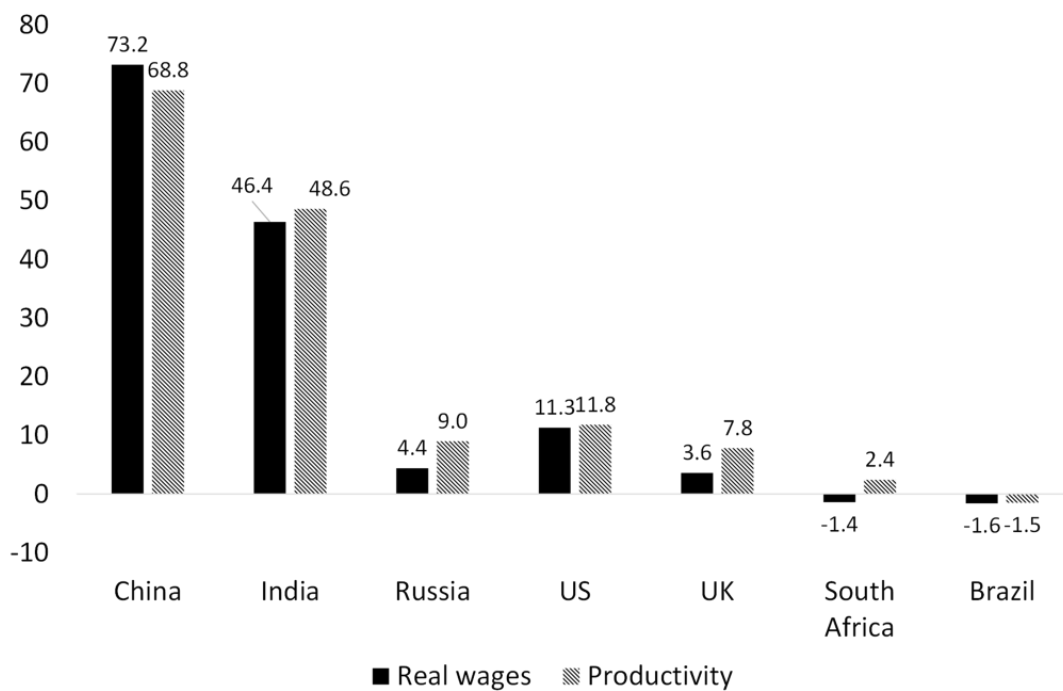
O outro argumento dos analistas ocidentais é que a China não pode crescer a qualquer ritmo razoável daqui em diante, a menos que mude de uma economia de alta poupança, alto investimento e orientada para a exportação para uma economia capitalista tradicional liderada pelo consumidor existente na maioria dos principais países capitalistas. economias, especialmente dos EUA e do Reino

Unido. A base usual para essa visão é que as taxas de consumo pessoal são muito baixas na China e isso impedirá o crescimento impulsionado pela demanda.

Por exemplo, veja esta visão de Chen Zhiwu, professor de finanças e economia chinesa na Universidade de Hong Kong. Chen argumenta que, sob Xi, grandes reformas em direção a um setor privado, economia liderada pelo consumidor, foram deixadas de lado. *“As reformas dos anos 60 teriam ampliado muito o papel do consumo e da iniciativa privada”*, diz. *“No entanto, a agenda de reformas orientadas para o mercado foi largamente deixada de lado. . . resultando em um papel maior para o estado e um papel encolhido para o setor privado”*. De acordo com Chen, isso significará que a economia da China estagnarà a partir de agora.

Outro analista ocidental proeminente e amplamente seguido, Michael Pettis, que mora em Xangai, [faz um argumento semelhante](#), ou seja, o que levará a China à estagnação ao estilo japonês é o fracasso em expandir o consumo pessoal e continuar a expandir o investimento por meio do aumento da dívida. Não é por acaso, a meu ver, que esses dois analistas vêm do setor financeiro.

E, no entanto, como alguém pode afirmar que as economias maduras 'conduzidas pelo consumidor' do G7 foram bem-sucedidas em alcançar um crescimento econômico estável e rápido, ou que os salários reais e o crescimento do consumo foram mais fortes lá? De fato, nas economias capitalistas do G7, o consumo falhou em impulsionar o crescimento econômico e os salários estagnaram em termos reais nos últimos dez anos, enquanto os salários reais na China dispararam.



Este é o verdadeiro ponto. O consumo está crescendo muito mais rápido na China do que no G7 porque o investimento é maior. Um segue o outro; não é um jogo de soma zero. [A visão de Pettis é uma análise keynesiana grosseira](#) que ignora até mesmo a visão de Keynes de que é o investimento que faz crescer uma economia com o consumo a seguir, e não vice-versa.

E nem todo consumo tem que ser 'pessoal'; mais importante é o 'consumo social', ou seja, serviços públicos como saúde, educação, transporte, comunicação e habitação; não apenas automóveis e gadgets. O aumento do consumo de serviços sociais básicos não é contabilizado nos rácios de consumo pessoal. A China também tem um longo caminho a percorrer no consumo social, mas está muito à frente de seus pares de mercados emergentes em muitas áreas sociais e não muito atrás das principais economias do G7, que começaram há mais de 100 anos. Aceito os economistas do Citibank em seu recente [estudo aprofundado da economia chinesa](#) "Em outras palavras, é bem possível que a economia chinesa ofereça maiores oportunidades de consumo sem que o consumo seja um alvo específico da política." "O rendimento disponível das famílias tem vindo a crescer mais rapidamente do que o PIB em termos reais nos últimos anos (exceto 2016), uma tendência que se deverá prolongar no futuro. Ao mesmo tempo, o desbloqueio dos efeitos de riqueza deve ajudar o consumidor".

O verdadeiro desafio para o futuro econômico da China é como evitar que muitos de seus investimentos sejam direcionados para áreas improdutivas, como finanças e propriedades, que agora levaram a sérios problemas. E

também de que maneira as crescentes contradições entre os setores estatais e capitalistas na China serão tratadas no terceiro mandato de Xi.

Na parte dois, tratarei dessas questões.